

MEDO E VIOLÊNCIA: UMA CRISE TRANSDISCIPLINAR NA SOCIEDADE DO CONSUMO

Rodrigo Moretto¹

O grande problema da realidade é ser demasiada e estar sempre a mudar, sempre a modificar-se quando tentamos agarrar.

Derrick de Kerckhove

Antes de qualquer coisa, tratar de medo e violência e tratar da vida diária das pessoas do final do século XX e deste início do século XXI, se confundem, mas será que isto era diferente anos antes desta demonstração de fraqueza e da incapacidade da modernidade em resolver os problemas por ela criados?

Parece-nos salutar deixar claro, desde já, que a análise sobre a violência e medo a qual nos propomos é pontual, *i.e.*, a uma violência trazida aos nossos dias atuais no Brasil e, em especial, na nossa comunidade.²

Se vivemos em uma sociedade de risco e, como nos diz Bauman, em uma sociedade do medo líquido, como podemos capturar, analisar e mesmo controlar algo tão fluído e que não imprime nenhuma forma específica, mas pelo contrário, apresenta uma multiforma e, em determinados momentos, algo amórfico?

Há entre nós, assim chamados modernos ou contemporâneos, um sentimento de medo e de insegurança, mas até que ponto estes sentimentos se entrecruzam com a violência? É neste ponto crucial, que devemos nos debruçar um pouco, pois o medo e a insegurança, pelo que nos parece, são

¹ Possui graduação em Ciências Jurídicas e Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2001) e Mestrado em Ciências Criminais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2003) e é Especialista em Filosofia na área Conhecimento do Conhecimento: Um diálogo entre os saberes, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Atualmente está cedido para a Divisão de Gerenciamento de Ações Prioritárias da Procuradoria Regional Federal da 4 Região (PRF4). Professor da Rede Metodista de Educação do Sul IPA (Direito) atuando nas áreas de Direito Penal, Processo Penal, Criminologia e Prática Penal, Professor convidado da Fundação Escola Superior da Defensoria Pública do Rio Grande do Sul. Ex-diretor adjunto da Escola Superior de Advocacia (ESA OAB/RS). Membro da Associação Brasileira dos Professores de Ciências Penais (ABPCP) e sócio do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais (IBCCRIM).

² Cabe deixar claro que não pretendemos analisar os acontecimentos ocorridos no Rio de Janeiro no final de 2010 pois temos poucos elementos para tanto.

sintomas próprios de nossa geração superprotegida, enquanto que a violência não se mostra algo tão pontual de nossa geração flex³.

A superproteção pode ser, segundo algumas variáveis, um dos fatores desencadeadores do medo, mas, por outro lado, um dos fatores que geram ao superprotegido um escudo invisível que lhe assegura a possibilidade de atos violentos e cruéis, pois tem a plena convicção de que seu protetor estará apto a lhe resguardar de todas as sanções que podem ser resposta a este ato, bem como passar a mão em sua cabeça, assumindo este o erro daquele. Quem sabe estes pobres e indefesos que superprotegemos e que sequer deixamos com que façam por conta própria, quando estiverem no mundo do “*do yourself*”, acordarão e aquilo que era um sonho tornar-se-á o real pesadelo para si e um desespero para os demais, pois eles, por saberem quem o fazia, não quiseram “*colocar sua mão no fogo*” para saber as dores da queimadura pontual, mas agora a queimadura é mais profunda, pois os elimina do jogo e não há mais a quem recorrer, uma vez que não há mais o protetor.

Em nossas crianças, e aqui num sentido puramente especulativo, visto que não encontramos nenhum dado estatístico confiável, a crueldade vem se ampliando com o passar do tempo, de forma com que as ações humanas se apresentam cada vez mais desumanas, mas na mesma proporção o medo e a insegurança com que vivem estas mesmas pessoas que agredem a vida e a liberdade do outro, vem se ampliando.

Temos hoje uma sociedade em que a dor e o sofrimento não podem ser sentidos, onde o menor sofrimento deve ser recompensado com bajulações e com quinquilharias efêmeras, que nos trazem também um bem estar efêmero, forçando-nos a querer, de todas as formas, obter cada vez mais deste elixir, mesmo que efêmero, para saciar nossa lascívia. Porém, sabemos que este elixir só nos é dado quando sofremos e, para tanto, nos expomos ao

³ O termo flex aqui utilizado significa uma geração que não possui uma forma definida, mas que se mostra de acordo com determinado momento e situação. Trata-se de uma geração plástica, maleável, ligadas a um entre tempo e entre lugar, transformando seu eu de acordo com o avatar que mais lhe couber no momento.

sofrimento, sendo esse o tesouro pelo qual somos recompensados com nossas 'pílulas de felicidade'.⁴

Porém, em determinado momento, *somos*, e aqui deve-se ter bem delimitado que *só alguns*, jogados ao mundo real, fora de nosso *reality show* criado por nossos pais para que não vejamos a realidade *nua e crua* da rua. Agora cabe explicar por qual motivo pontuamos somente alguns. É público e notório, ainda que isto seja um clichê, que a grande maioria das pessoas não vive nas redomas de vidro que nós vivemos, ou seja, nós que aqui estamos lendo, por exemplo, este texto. A grande maioria dos seres humanos, se não somente humanos, vivem sem possibilidade alguma de locomoção social, sem possibilidade de escolhas, vivem em uma sociedade de indivíduos, parafraseando a obra de Elias⁵, rígida e estanque, onde a escolha tende a zero. São pessoas, como bem salienta Bauman⁶, que se encontram do lado oposto dos turistas, mas que são essenciais para a existência destes, são os vagabundos, sem os quais não sobreviveríamos.

São estes vagabundos, como sempre os *outros*, que nos servem de referencial de quem somos e qual nossa posição em relação ao todo. Nós não somos eles, pois eles são os *outros* que nos geram medo, mas acreditamos que podemos controlá-los, pois somos os detentores dos instrumentos de controle social e sem os quais, apesar de nos gerarem medo, não sobreviveríamos.

Mas a triste noção de quem efetivamente somos surge quando, "por obra do destino", somos escolhidos, neste mundo da concorrência, para sermos um dos outros, *i.e.*, sermos alguém para o qual não fomos preparados, naquele *reality* em que vivíamos. Agora estamos frente a frente com um mundo real, um mundo que 'cheira' não as essências de Chanel, mas suor humano proveniente do trabalho, um mundo em que o vermelho não é dos tapetes por onde passam os desfiles, mas de sangue derramado pelo esforço de sobreviver mais um dia, onde o ligar e desligar a televisão que nos entretém nos momentos em que estamos gastando o nosso tempo é o de estar vivo por

⁴ No mesmo sentido: BAUMAN, Zygmunt. **Vida a crédito**, p. 160.

⁵ ELIAS, Norbert. **Sociedade dos indivíduos**.

⁶ BAUMAN Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**, pp. 85-110.

mais alguns instantes, onde a comida de ontem já não nos é apreciável, pois repetir é sempre monótono de mais e, portanto, vira nosso lixo, mas é o banquete sempre esperado por quem não tem o que comer e nem perspectiva de ter o que comer, enquanto nosso lindo “cãozinho” sacia sua fome com seu delicioso “*pedigree champ de filé ao molho de ervas finas*” e vai em sua “*pet*”, pois seu pelo está demasiadamente embaraçado, enquanto a criança fora de sua casa está demasiadamente suja para fazer parte de sua vida.

Neste momento em que a realidade bate em nossas portas, em que a vida nos chama para conhecê-la de perto, nós da sociedade líquido-modernizado-consumo-do-credíário (Bauman) necessitamos de novas proteções, já que a abóboda de cristal que nos mantinha em nosso *reality* desapareceu. Então a esperança recai sobre os chamados remédios do esquecimento, a droga do sucesso, a felicidade instantânea e, para tanto, somos quase que compulsoriamente jogados a um tratamento de choque das áreas *psi* (seria esta nova variável a solução de todos os problemas modernos? Outras, em outros tempos, já foram tentadas e, no entanto, se descobriu que a solução não se dá em uma única disciplina (monodisciplinar), mas, será que iremos cometer o mesmo erro? Tudo agora deve passar pela Ψ ?).

Temos crianças hoje, novamente aqui ilações vez que sem dados estatísticos, que ao entrarem na escola e terem contato com o outro, bem claro de quem seja o outro neste ponto, apresentam síndromes de depressão, de pânico, de ansiedade, pois não estavam preparados para conhecer um mundo real, em que a imagem sem cheiro e controlada pelo controle-remoto se torna uma imagem com cheiro, sensação e sem controle que possa cessá-la no momento(instantaneamente?) ou que possa controlá-la para que não ocorra. Por outro lado, com o falta de limite, assumem a posição de verdadeiros detentores do poder e com seu convencimento, ainda que monetário, praticam *bullying* sem o menor remorso, pois sabem que logo ali ao lado estão eles, os seus pares para acobertar a sua ação, especialmente, pois (especialmente porque)? é simplesmente “uma brincadeira de criança”, como preferem assim diagnosticar alguns.

Mas nós acreditamos, seguindo uma visão moderna, que teríamos como ter previsto e que estes fatos não iriam atingir os nossos, pois as variáveis estavam controladas e bem guardadas em nossos equipamentos de controle. O determinismo moderno levou-nos a um abismo com uma única saída, pular, ou quem sabe, melhor explicando, nos fez viver em um mundo em condições ideais, pois o que tínhamos em controle era o que podíamos ter, mas não o que efetivamente é. Hoje sabemos, ou cremos que sabemos que mesmo as pequenas ações geram milhões de interconexões, antes inimagináveis e que só foram descobertas quando paramos de ver o mundo em partes para olharmos como um todo e que todas as partes estão contidas e contem o todo.

Assim chega o século XXI e com ele os erros e equívocos, bem como as verdades. Hoje notamos que a segurança que nos vendiam não passava de falácia, que nos era contada pela modernidade, e assim, tentamos trancar, o máximo possível, as portas para que nada entre em nossas casas e venha a nos atingir. E mais, fechamos a janela para não ver aquilo que deixamos lá fora e que se nos encontrar, pode nos dar a mão e nos arrastar para o abismo onde se encontram todos os outros (que não nós).

Se por um lado, isto pode ser descrito, por outro lado, a hiperexposição “virtual” também é necessária e a nós pertence. Necessitamos criar mais e mais redes de relacionamento para sermos nós, para sermos reconhecidos como um ser existente e real, mesmo que em um mundo virtual. Somos Paulo e Daniela com registro de nascimento “x”, mas somos PauloK e DanielaS do “facebook”, por exemplo, que possui todas as qualidades que na vida real estão longe de ser alcançadas, mas que está a um clique da vida virtual em que vivemos.

Na loucura, vivemos hoje um mundo real (se é que vivemos, pois a grande maioria deixa de viver), mas ao mesmo tempo vários mundos paralelos, mundos de redes de relacionamentos todas centradas no eu, mas em cada uma, o eu de uma forma com a qual desejamos que o eu fosse, pois é um mundo em que as mudanças são imediatas, como assim quer a nossa geração de ansiosos que não suportam esperar o ponteiro do relógio dar uma volta completa.

Esperar, aguardar, ter o tempo como um aliado ao amadurecimento, desapareceu, pois há uma necessidade de concentração, do tempo alongado a um único ponto, o do imediatismo instantâneo - devemos chegar a nosso cume o mais rápido possível - (vejamos: Quanto tempo era necessário para ler o que se imaginava ser o mínimo para tentar ser um Dr.? ou – o lançamento de um carro que em março de 2011 é vendido sendo um modelo 2012, mas ainda faltam 9 meses para a chegada do novo ano -). Aguardar até o próximo aniversário é demasiado longo para esta geração em que a plasticidade dos sentidos não permite com que se viva em um mundo tridimensional, enquanto que outros sequer têm a possibilidade de imaginar como é viver em um mundo em que a “locomoção” é permitida, pois para eles, só se permite ser enquanto irestritos em seu reduto, no qual lhes foi permitido viver.

Por outro lado, não se está aqui a declarar que somos uma sociedade determinada, em que os homens são determinados em seu destino, mas sim vivemos em uma sociedade determinante, onde quem controla detém parte das variáveis deste controle, mas que por não ter o todo, acorda em uma dimensão que não a planejava ou queria planejar, mas que se encontrava no risco oculto.

Quem sabe devemos correr o risco de discutir tal tema?

1. MEDO: UM ATOR SEM FACE

1.1 (Re)velando o medo e produzindo sua face

Partindo-se da análise de Bauman⁷, a qual será a nossa linha mestre neste trabalho, sobre o medo nas cidades, este capítulo tenta mostrar qual o significado da indústria do medo na sociedade do risco e a forma de sua apresentação, *i.e.*, qual a roupagem que hoje utilizamos para apresentar nosso ini(amigo) inseparável.

⁷ BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**.

Refere o autor, citando Robert Castel, que a sociedade moderna, nos países europeus é a mais segura que já se teve notícia, mas por outro lado nunca nos sentimos mais inseguros, amedrontados, ameaçados e em pânico, de forma com que gastamos nosso tempo e dinheiro a procura de paz e tranquilidade dentro de uma sociedade “segura”.

Trata-se do paradoxo da segurança insegura, pois quanto mais segura torna-se a sociedade, maior é a midiaticização da insegurança, *i.e.*, em tempo real, fazendo-nos crer, como sempre, uma vez que continuamos a acreditar que os olhos não mentem, que necessitamos de uma maior segurança, em face da insegurança que se alastra sobre o planeta e a qual não seremos capazes de enfrentar se não contratarmos alguém especializado.

Frente ao mercado da segurança, está o seu alimentador, a insegurança, o medo, e como canal de interlocução entre ambos a **mídia**, ou seja, a porta voz do demiurgo do mercado da segurança.

Se por um lado o medo é fato gerador da necessidade de uma maior segurança externa, por outro lado ele é elemento essencial de proteção e mudança interna, talvez pelo fato de percebermos o quão frágeis somos em relação à natureza. Mas, mais do que isto, e novamente citando Bauman⁸ quando traz à tona o pensamento de Freud, em sua obra *o mal-estar na civilização*, que o maior medo é o da “*inadequação das normas que regem os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade*”. Eis aqui um ponto crucial.

Seguindo o pensamento do autor, se é permitido aceitar a incapacidade humana em controlar a natureza e a força impiedosa do tempo, por outro lado não é de fácil aceitação concordar com o limite determinado ao bem estar social imposto por parcela da sociedade de turistas. Como aceitar que nossas limitações impõem limitações a nossa própria segurança, inflingindo-nos uma

⁸ BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**, p. 14.

insegurança fluída e global⁹? Assim, só poderíamos concluir que “*deve haver um culpado, um crime ou uma intenção criminosa*”¹⁰.

Devemos assinalar, portanto, que fomos projetados para uma sociedade do medo e da insegurança, pois é a busca da segurança, nunca encontrada, um dos fundamentos da sociedade moderna, cabendo deixar claro, que esta segurança procurada (utópica), não pode jamais ser encontrada, pois faria com que perdesse o sentido da sociedade moderna *da busca* de segurança.

Retornando a Castel, a sociedade moderna foi construída sob o viés de que o perigo está em toda a parte e é inerente a esta sociedade, pois o individualismo e, por conseguinte, o cuidar de si e por si, cria uma concorrência natural de destruição e desconfiança do outro. O autor considera como causas desta insegurança a “supervalorização do indivíduo”, uma vez que com a modernidade ele se liberou dos vínculos sociais do medievo, e a “vulnerabilidade”, pois agora está desprotegido dos vínculos sociais que garantiam sua proteção¹¹. Porém, acreditamos que estes vínculos do medievo hoje se dão na base do mundo virtual e, portanto, é este mundo que nos permite acreditar, ainda que falsamente, que vivemos seguros desde que não tenhamos que adentrar ao mundo real.

Cabe deixar registrado que se por um lado no início do modelo criado pela modernidade ele não garantia a segurança desejada, por outro lado esta segurança foi sendo construída até metade do século XX, porém ao chegar ao século XXI esta segurança demonstrou ser falha, vulnerável e utópica, pelo menos na realidade palpável.

Quando da criação deste Estado moderno, a garantia de liberdade dada ao cidadão reduziu, sobremaneira, a intervenção do Estado como controlador dos atos sociais, criando, a primeira vista, um maior direito de ir e vir ao indivíduo e, por conseguinte, vulnerabilidade deste indivíduo, especialmente nas áreas sociais, educativas, laborativas, econômicas e de segurança.

⁹ O termo segue a idéia de Ulrich Beck de ao mesmo tempo local e global, onde o efeito local e sentido na sua extensão global.

¹⁰ BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**, p. 15.

¹¹ BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**, p. 17.

Uma vez verificado este incremento de liberdade à sociedade e a redução de proteção, os indivíduos desta sociedade lutaram por uma maior intervenção estatal, a fim de incrementar a sua cadeia de proteção já desmantelada pelo liberalismo. Assim, a luta passa da variável liberdade para a variável do bem-estar social. Para tanto, a intervenção do Estado nas áreas básicas e que garantem, ainda que falaciosamente, uma maior segurança econômica e social do indivíduo serviu como elixir de redução do medo, ou ainda, como um alicerce que garantiria um futuro estável, seguro e determinado pelo presente.

Ocorre, e aqui o ponto determinante, que nós somos frutos desta geração que lutou e viveu por um Estado protetor, *i.e.*, somos filhos (fruto) daqueles que vivenciaram, ainda que precariamente, a idéia do bem estar, do Estado provedor de proteção. Mas esta proteção vendida pelo Estado moderno mostrou-se, especialmente no final do século XX, uma simples carcaça frágil, sem consistência para suportar os impactos que viria a sofrer pela expansão do consumo e pela luta a qualquer preço do “*ter para ser*”, o que leva a uma corrida desmedida na busca de capital para poder acessar os instrumentos que fazem com que outro seja recepcionado como um dos nossos, ou seja, que o invisível torne-se visível.

E por falar em medo, em insegurança, por falar nas modificações que vivenciamos hoje, de aceleração, da ausência de tempo, indispensável falar de uma das formas mais importantes na transmissão (direta) e, portanto, instantânea do horror, do pânico, enfim do medo generalizado, ou seja, da mídia.

1.2 O ‘talento’ da mídia na criação da imagem

Perpassando pelo tema é essencial o tratar da imagem, e tratar de imagem nos leva a ter que trabalhar com a mídia, pois é exatamente ela, através de sua *agenda setting* que nos “direciona” as escolhas que, em tese, nós acreditamos serem escolhas livres e conscientes, feitas por nós mesmos.

A mídia é sim um, mas não o único, fator responsável por esta síndrome de pavor, medo e insegurança a que estamos submersos e que não nos permite avistar terra firme do outro lado desta ponte interminável da modernidade.

George Gerbner e seus colegas nos EUA argumentam que os efeitos mais significativos da violência na TV são mais ideológicos do que comportamentais. Gerbner vê a TV como um moderno "ópio do povo", servindo como um tranquilizante que legitima a ordem social vigente. Ele tem demonstrado que existe uma correlação entre assistir TV e estimativas dos telespectadores quanto a frequência de violência no mundo cotidiano. "Espectadores assíduos" são mais propensos a desconfiar das pessoas e por possuir outras experiências de medo e insegurança necessitam, de apoio a formas mais fortes de controle policial e social. No entanto, Gerbner não faz provisão para a variedade de interpretações individuais ou para o tipo de programas envolvidos. Pode ser que pessoas com mais medo são atraídas para assistir mais TV. E outros fatores sociais e de personalidade podem contrariar sua cultura.¹²

Para nós, que somos ligados e conectados na rede, recebendo bilhões de informações por segundo, nada nos resta senão olhar embasbacados e sem reação, pois qualquer reação, por mais rápida que o seja, será, impreterivelmente lenta, atacando, se é que é possível, somente um fato passado, *i.e.*, sequer este texto que agora (presente) escrevo, que quando for lido¹³ será algo passado e que, por mais expert que sejamos, não poderá ser conhecido na sua integralidade, pois a realidade presente vai modificando-se momento após momento de sua existência.

Neste sentido, importante destacar que, uma vez que as coisas já não estão mais presentes em nossa mente, mas sim impressas no papel e

¹² *Cultivation Theory: George Gerbner and his colleagues in the USA argue that the most significant effects of TV violence are ideological rather than behavioural. Gerbner sees TV as a modern 'opiate of the people', serving as a tranquilizer which legitimates the current social order. He has shown that there is a correlation between TV viewing and viewers' estimations of the frequency of violence in the everyday world. 'Heavy viewers' are more likely to mistrust other people and to experience fear and insecurity, and therefore to support stronger forms of policing and social control. However, Gerbner makes no allowance for the variety of individual interpretations or for the kind of programmes involved. It may be that more fearful people are drawn to watching more TV. And other social and personality factors may counter such cultivation.* CHANDLER. Daniel. http://www.aber.ac.uk/media/Modules/TF33120/tv-violence_and_kids.html.

¹³ A sensação foi apresentada por Caroline Roux em uma matéria publicada no Guardian Weekend em 01/02/2003, intitulada To Die For.

introjetadas através dos sentidos daquele que estiver lendo este texto. Assim, cada um fará sua interpretação do que se esconde por detrás destas linhas, mas esta interpretação, inconscientemente, não é nada mais que uma releitura fundada em significados pré-conhecidos do leitor.

Lembra muito bem Kerckhove¹⁴ que “*o grande problema da realidade é ser demasiada e estar sempre a mudar, sempre a modificar-se quando tentamos agarrar*”. Mas há outra realidade, a realidade enquadrada pela perspectiva, pois através dela a moldura cerebral manipula as coordenadas espaço-temporais, fazendo-as parar. Assim, o objeto antes móvel e mutável, agora está estanque, fazendo-nos acreditar que agora podemos dominá-lo e analisá-lo no tempo.

Ocorre que a *mass media*, preenche o nanoespaço de nosso ser com significados pré-estabelecidos¹⁵, de forma que ao avistarmos ou recebermos a informação, mesmo que conscientemente queiramos nos manter neutros, inconscientemente aplicamos cargas e pesos pré-estabelecidos para interpretar a mensagem. Assim, nos vemos, diariamente, repetindo os mesmos argumentos que para nós foram aplicados, entrando, então, em uma argumentação justificadora circular, que o final indica o começo, pois o começo indica o final.

Se quisermos o controle sobre os outros, pois estes são uma ameaça sobre nós, mas ao mesmo tempo pudermos ser amanhã o outro, como compreender qual é realmente a diferença ontológica entre os que diariamente escutamos serem chamados de “bons e maus”, desta dicotomia própria de um cartesianismo insustentável, tanto no micro como no macrocosmos?

Eis, então, mais questionamentos importantes: do que temos medo? O que é o medo? É possível capturar o medo? Seria o medo a sombra de nosso inconsciente coletivo? Não seria o medo criado, o incitador de uma violência

¹⁴ KERCKHOVE, Derrick de. **A pele da Cultura: Uma investigação sobre a nova realidade eletrônica**, p. 67.

¹⁵ Cabe aqui lembrar o modelo criado por George Gerbner (Cultivation Theory) e a influencia da televisão na vida cotidiana da população. No pensamento do autor a superrepresentação da violência na televisão, constitui uma mensagem simbólica sobre lei e ordem e não uma simples causa do comportamento mais agressivo dos telespectadores.

como resposta ao medo, de forma a reestabelecer uma nova violência como resposta a este medo? Por qual motivo continuamos a aplicar o mesmo remédio que há cinco séculos não se mostra eficaz? Seríamos nós fantoches de turistas, de verdadeiros turistas que possuem a capacidade (\$\$) de controlar falsos turistas e vagabundos, pois nesta sociedade do risco os riscos já foram pensados, mas o lucro compensa correr o risco?

A violência na televisão realmente tem efeitos adversos em certos membros de nossa sociedade. A literatura médica já publicou sobre o tema 160 estudos de campo que envolveram 44.292 participantes, e 124 estudos laboratoriais com 7.305 participantes. Absolutamente todos demonstraram a existência de relações claras entre a exposição de crianças à violência exibida pela mídia e o desenvolvimento de comportamento agressivo.
(...)

"Os dados apontam de forma impressionante para uma conexão causal entre a violência na mídia e o comportamento agressivo de certas crianças" ¹⁶

Esta trajetória irá revelar a elucidação de certos fatores relacionados à violência, do medo, da insegurança, do risco e, também, irá permitir que se traga à discussão alguns aspectos visíveis e invisíveis desta sociedade submersa em um campo magnético que controla a livre movimentação das pequenas partículas humanas.

Resta evidente que a mídia é fator importante, uma vez que auxilia na propagação do medo, das incertezas e inseguranças cotidianas que se relacionam com a violência, seguindo modelo de Gerbner¹⁷. Ademais, o papel publicitário ganha destaque quando comove socialmente os indivíduos, refletindo o pânico, o medo e as angústias.

Nas condições atuais, é forçoso reconhecer que, na falta de organização da opinião pública, há uma ditadura de fato sobre as mentalidades: a de um punhado de homens que controlam as grandes redes de televisão. Esse desequilíbrio entre os poderes é, não apenas,

¹⁶ VARELLA, Drauzio. **Violência na TV e comportamento agressivo**. Disponível em <http://www.drauziovarella.com.br/ExibirConteudo/605/violencia-na-tv-e-comportamento-agressivo>.

¹⁷ GERBNER, George, GROSS, Larry, MORGAN, Michael, SIGNORIELLI, Nancy. **The "Mainstreaming" of America: Violence**. Profile No. 11 Issue Journal of Communication Volume 30, Issue 3, pages 10–29, September 1980. Capturado em <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1460-2466.1980.tb01987.x/abstract?systemMessage=Wiley+Online+Library+will+be+disrupted+4+June+from+10-12+BST+for+monthly+maintenance>

incompatível com o surgimento de uma democracia pluralista mas, pela importância ocupada pelas imagens de violência, gerador de medo, insegurança e perda de confiança.¹⁸

Uma vez apresentado o papel da mídia na sociedade e a forma de ação deste quarto poder, cabe lançar mão da forma pela qual a mídia vende a ideia de medo e a forma com que o mercado absorve este novo nicho de atuação.

1.3 O demiurgo do mercado e a venda do medo: a criação de uma indústria

Hoje sabemos, a mídia – que segundo George Gerbner¹⁹ não tem muito a dizer, mas muito a vender - patrocinada pelo grande mercado do consumo cria, ainda que de forma sutil, uma força atrativa para o consumo, sendo que este consumo pode se dar em várias áreas da economia, porém a área que ajuda-nos a lutar contra o medo, é essencialmente lucrativa. Mas como criar consumidores para esta mercadoria? Aqui entra o papel do *marketing* e da mídia, ou seja, o papel de quem tem como meta o convencimento de que você necessita de algo para ter, como, por exemplo, a beleza, o *status*, o poder e quem sabe, até mesmo a segurança.

O caráter comercial da televisão é visível a qualquer telespectador. A publicidade está presente em todos os programas. Uma lei federal determinou que a TV poderia dedicar apenas 25% de seu tempo à exibição de propaganda, e os intervalos passaram automaticamente a 15 minutos por hora. Como consequência, o telespectador é enredado involuntariamente ao mundo do consumo e dos comerciais.²⁰

Os jovens ocupam um espaço importante nas empresas de publicidade, porque constituem um grupo cada dia maior de consumidores potenciais. A publicidade dirigida aos jovens tem a intenção de criar uma identidade e um estilo de vida. Os jovens, por sua vez, sentem-se mais seguros quando fazem parte de um grupo. Assim, a

¹⁸ CHESNAIS, Jean Claude. **A violência no Brasil. Causas e recomendações políticas para a sua prevenção**, p. 61. Ciênc. saúde coletiva v.4 n.1 Rio de Janeiro 1999. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81231999000100005&lng=pt

¹⁹ Cultivation Theory

²⁰ TELEVISÃO E PUBLICIDADE. **Publicidade e Consumo. Coleção Educação para o consumo Responsável**. INMETRO E IDEC. 2002. pp. 16-17. Disponível em <http://www.inmetro.gov.br/infotec/publicacoes/cartilhas/ColEducativa/publicidade.pdf>

publicidade busca manipular e ditar hábitos de comportamento da juventude brasileira.²¹

Se em um passado, não tão distante, a luta humana era de procurar através de uma construção sólida, afastar o medo – basta, para tanto, retornarmos à ideia de que quanto mais enraizado em empresas, maior seria a garantia de futuro, por conseguinte, menor a possibilidade de ser excluído, o que levava de forma diretamente proporcional a uma redução do medo – hoje se mostra totalmente insustentável, pois a falta de mobilidade e flexibilização, geram um maior medo e, pois, a falta de adaptação as múltiplas temperaturas do mercado faz com que você se torne mais descartável do que aqueles que, como um fluido, conseguem escoar pelas paredes irregulares do mundo contemporâneo.

O medo de cair de um veículo em rápida velocidade, ou de ser jogado pela janela, enquanto o resto dos viajantes, com os cintos de segurança devidamente afivelados, acha a viagem ainda mais divertida. O medo de ser deixado para trás. O medo da exclusão.²²

Seguindo nesta seara, hoje somos forçados a procurar soluções para nossos medos e para reduzir os danos causados por estes medos que surgem “inconscientemente” em nós. Para tanto, somos forçados a consumir e, para consumir, torna-se imperioso o gasto. Assim o medo da insegurança, nos leva ao medo do amanhã, pois sequer sabemos se conseguiremos pagar os gastos que fazemos hoje para nos sentirmos seguros.

Trata-se de uma verdadeira roda, em que hoje gasto o valor futuro para obter amanhã segurança, ou quem sabe para tentar conseguir ter a segurança. Porém, amanhã provavelmente estaremos inseguros, já que não teremos mais como arcar com os custos desta segurança, visto que a geração atual encontra-se em profundo endividamento, seguindo o exemplo dos Estados a que fazem parte.

²¹ OS JOVENS E A PUBLICIDADE. **Publicidade e Consumo. Coleção Educação para o consumo Responsável.** INMETRO E IDEC. 2002. p. 22. Disponível em <http://www.inmetro.gov.br/infotec/publicacoes/cartilhas/ColEducativa/publicidade.pdf>

²² BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**, p. 28.

Esta ideia fica clara em Bauman²³, quando o autor nos apresenta a vida a crédito, pois adiantar o que só poderia ser adquirido em tempo futuro, “*não deixe para depois o que poderia fazer agora*”, nos traz um sentimento de segurança, pois nos coloca na posição de incluídos, porém esquecemos que a nossa segurança deixa de ser nossa e passa a ser daquele que detém no futuro, um crédito para com nós outros, *i.e.*, tornamo-nos reféns não mais de um medo interno, e na maioria das vezes irreal, mas do medo real de sermos dispensados e jogados para fora da redoma onde vivem os escolhidos, neste sentido importante a advertência:

Mas de onde provem este medo? Seria este medo algo intrínseco do ser humano?

Em um primeiro momento devemos afastar o medo do dia-a-dia, do medo vinculado a violência, pois esse será ponto específico no decorrer do trabalho. Para este momento cabe o estudo deste outro medo, tal como o medo do futuro e a falta de garantia que encontramos neste mundo fluído, especialmente após o “11 de setembro” e a crise financeira americana de 2008.

A geração de pessoas que hoje se encontram com idade acima de 40 anos são frutos de uma geração fundada na ideia “*economizar hoje para usufruir depois*”. Partindo deste pensamento um grande número de pessoas imaginou que mantendo à risca esta premissa estaria construindo bases sólidas para um futuro tranquilo, uma vez que, o Estado provedor, assumiria incondicionalmente os riscos cotidianos (auxílio-acidente, auxílio incapacidade, aposentadoria por invalidez, etc.).

Ocorre que o Estado, em tese, não suportou o crescente paternalismo, de forma que inverteu a lógica unilateralmente, isto é, partiu em caminhada para um enxugamento da proteção, limitando ao máximo a possibilidade de obtenção de benefícios, caso os infortúnios do cotidiano recaíssem sobre os seus cidadãos, por outro lado a indústria privada da proteção se expande em uma escala exponencial.

²³ BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**, p. 16.

Agravado pela crise mundial os Estados reduziram seus gastos e por isso obrigaram-se a desproteger uma grande massa de trabalhadores²⁴ que acreditaram em um Estado todo-poderoso e indestrutível. Nesta seara, estas pessoas tornaram-se verdadeiros indivíduos desnecessários para o bom andamento do todo, quer dizer, uma massa humana excedente, a qual nos é demasiadamente cara e nas palavras de Bauman²⁵ “*são uns estraga-prazeres meramente por estarem por perto, pois não lubrificam as engrenagens da sociedade de consumo, não acrescentam nada à prosperidade da economia*”.

Esta massa humana excedente tornou-se visível, de forma que aqueles que encontravam-se deste lado do muro passaram a perceber que o cruzar a fronteira pode ou não depender de sua própria vontade e que não bastava uma solidez presente, pois os riscos eram incalculáveis, apesar de imagináveis.

O medo que nos primórdios estava ligado às forças da natureza, mas que com a tecnologia pareciam controlados, mudou de posição. Agora já não tínhamos mais o medo destas forças, mas sim o medo de uma falta de garantia de sobrevivência futura, aqui compreendida em uma garantia econômica, especialmente em países com altos índices de inflação, ou como bem lembrado por Bauman²⁶ “*a humanidade se vê enfrentando males produzidos pelo homem que são tão cruéis, insensíveis, empedernidos, aleatórios e impossíveis de prever quanto o foram o terremoto, o incêndio e o maremoto de Lisboa*”. A falta de perspectiva arrastou um número de pessoas para uma crise na sua própria identidade, pois já não se reconheciam como sujeitos de direito, mas sim meros intrusos no mundo daqueles que podiam consumir para ser e ser para consumir.

Mas como já lembrado, a estabilidade é fato anômalo, pois a instabilidade é regra em um sistema evolutivo, parafraseando Ilya Prigogine.

²⁴ O trabalho, a previdência social e o apoio familiar costumavam ser os meios pelos quais os ex-presidiários eram reintegrados à sociedade estabelecida. Com o declínio desses recursos, a prisão se tornou um encargo a longo prazo do qual os indivíduos têm pouca esperança de retorno a uma liberdade não supervisionada. A prisão hoje é usada como um tipo de reserva. BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**, p. 108.

²⁵ BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: consequências humanas**, p. 104

²⁶ BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**, p. 85

Deve ficar claro que a instabilidade, tal como vista por Prigogine²⁷, pode ser verificada especialmente nas sociedades ocidentais - sociedades de indivíduos movidas pela economia - na qual uma produção encoraja futuras retro-produções, criando verdadeiras estruturas complexas não-lineares²⁸. Sendo assim, acreditar nos tempos de instabilidade é em si uma falsa ilusão própria da modernidade e a qual nos projetou para uma vida de riscos reduzidos.

Com a chegada do século XXI não só a economia e sua variáveis não estava controlada, como percebemos que éramos incapazes de controlar ou prever os riscos da própria natureza. Basta tomarmos alguns fatos para exemplificar como o Tsunami, o Katrina, as chuvas na região serrana no Rio de Janeiro, etc. todos estes fatores agregados à midiatização geram no expectador um medo que acreditamos ser pré-ordenado, como lembra Ângela Pintor *“nessa conjuntura, o repertório midiático constrói e generaliza a existência da vítima virtual²⁹, e ilustra e alimenta o imaginário no que diz respeito aos perfis daqueles apontados como criminosos”³⁰*.

Se agora percebemos o quanto a tecnologia não nos permite termos controle da natureza, da economia, da sociedade e, por assim, dizer, do amanhã, seria este o fator preponderante de nossos medos? Ou por outro lado, o medo mantém-se intacto, porém o medo hoje tornou-se um medo visível e

²⁷ PRIGOGINE, Ilya. **Carta para as futuras gerações**. Disponível em <http://www.teoriadacomplexidade.com.br/textos/teoriadacomplexidade/CartaParaAsFuturasGeracoes.pdf>

²⁸ (...) A competição entre os motoristas. Você pode formular uma teoria muito simples, que eu formulei há vinte anos atrás, que incorpora os efeitos dos seus próprios desejos, a forma como as outras pessoas desejam dirigir e a competição entre os vários desejos. Daí sai um tipo de equação não-linear que descreve essa evolução.

Primeiro você dirige como quer. Então você leva em conta os outros motoristas, mas você mesmo assim dirige como quer. Isso é o que eu chamo de regime individual. Então você vai além da maior concentração (de carros) e começa uma organização na qual você força os outros motoristas a dirigirem como você dirige. Eu chamo isso de regime coletivo. Esse é um exemplo muito bom de bifurcação, uma mudança de fase para uma estrutura mais coerente – a auto-estrada como um todo. Agora, isso não é necessariamente benéfico. Você está encravado em algo que não depende de você e do qual você faz parte. Você contribui, mas não pode escapar. PRIGOGINE, Ilya. **Ilya Prigogine: feiticeiro do tempo, Entrevista dada a Robert B. Tucker**, in <http://www.omnimag.com/archives/interviews/prigogin.html>

²⁹ “É o indivíduo qualquer que responsabiliza o Estado pelos sofrimentos existentes, não porque suas leis e práticas de prevenção favorecem determinados grupos sociais ou são modos de sustentar preconceitos, mas porque seus agentes são incompetentes e/ou corruptos. VAZ, Paulo. A mídia, a rotina e a vítima virtual. In BRUNO, Fernanda, KANASHIRO, Marta, FIRMINO, Rodrigo. **Vigilância e visibilidade: espaço, tecnologia e identificação**, p. 191.

³⁰ PINTOR, Angela. **Imaginário e violência: vigilância, visibilidade e tecnologia como vetores da existência humana no contexto contemporâneo**. Revista Galáxia, São Paulo, n. 20, p. 238, dez. 2010.

incrementado por ser um medo ligado através dos bits que percorrem nossas infovias?

A explosão dos limites entre público e privado com a diluição do imaginário da segurança e a infiltração do regime de vigilância na sociedade é analisada por Hille Koskela a partir da proposta de um website dedicado ao policiamento da população na fronteira entre Estados Unidos e México. Trata-se do programa de observação virtual da fronteira do Texas, criado pelo governo norte-americano, permitindo que qualquer pessoa participe do controle da fronteira, bastando, para isso, que acesse uma rede de webcams e sensores. A proposta do programa e a experiência que ele proporciona remetem ao culto à violência, no qual está fincado o imaginário do medo, e do qual faz parte o incentivo ao policiamento promovido pelas autoridades públicas, tornando a vigilância uma prática contra o outro. Esse esquema sociocultural carrega a ambivalência segurança/insegurança, repertório que se calcifica com o tempo, pela repetição e duração de um modo de ver o outro, construindo, irreversivelmente, a cultura do medo. A vida humana vai, nessas circunstâncias, costurando-se nessa base e naturalizando a insegurança.³¹

Não nos parece ser tão clara a resposta, porém o medo é, como se percebe, um bem de alto valor no mercado, tanto que pesquisas mostram que as empresas de segurança crescem em escala exponencial. Neste sentido, somente em Portugal as empresas de segurança privada no ano de 2008 movimentaram o equivalente a 650 milhões de euros, empregando um total de 38.928 pessoas, segundo o Relatório Anual de Segurança Privada.³²

A violência gera o medo, mas este gera igualmente violência. Trata-se então de um círculo vicioso que se instala, uma psicose coletiva que é preciso romper a qualquer preço e cujos únicos beneficiados são certos lobbies da segurança, como as firmas de vigilância, as milícias privadas, as companhias de seguros, os esquadrões da morte, etc.³³

Por outro lado, com a globalização o medo e a insegurança não são mais locais e, portanto, não acreditamos ser eficaz qualquer forma de segurança privada, pois ela, de forma bem intuitiva, representa uma segurança

³¹ PINTOR, Angela. **Imaginário e violência: vigilância, visibilidade e tecnologia como vetores da existência humana no contexto contemporâneo**. Revista Galáxia, São Paulo, n. 20, p. 237, dez. 2010.

³² <http://opinioao.mai.gov.info/2009/03/14/seguranca-privada-um-sector-em-crescimento/>

³³ CHESNAIS, Jean Claude. **A violência no Brasil. Causas e recomendações políticas para a sua prevenção**, p. 54. Ciênc. saúde coletiva v.4 n.1 Rio de Janeiro 1999. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81231999000100005&lng=pt

apta a uma violência datada no século XX, i.e., uma violência que se dava no espaço. Porém a violência dos dias atuais mostra-se volátil, fundada em bases temporais e não mais espaciais. Nesta ótica, outro problema enfrentado é que os sistemas de seguranças atuam de forma fragmentária e, em regra, na mão de entidades privadas, de forma que as informações obtidas por cada uma das entidades não é compartilhada, o que impossibilita a criação de um banco de dados. Desta forma, a falta de informação compartilhada faz com que as ações ditas ilícitas movimentem-se de forma muito mais veloz e, portanto, as respostas dadas estão sempre demasiadamente atrasadas. Tomemos, por exemplo, as ações envolvendo assalto a bancos no Rio Grande do Sul utilizando-se explosivos reduziram drasticamente nos últimos seis meses, em tese, somente uma ocorrência foi relatada no último semestre, se em comparação com o elevado número no semestre anterior. Porém o número no último semestre quadruplicou em regiões como São Paulo, Paraná e nordeste brasileiro, o que nos leva a crer que a falta de troca informações, inclusive das polícias estaduais, é um, dentre outros fatores, que ampliam o medo e a insegurança.³⁴

2. MERCADO E CONSUMISMO: O MEDO DE NÃO SER CONSUMIDOR

2.1 Vida e consumo diário: quais os reflexos de nossas escolhas antieconômicas?

Novamente voltando a Bauman³⁵, na nossa sociedade consumista, ainda que aqui não estejamos utilizando do termo de forma pejorativa, as mercadorias devem tornar-se obsoletas, antes mesmo de você conhecer todo o seu funcionamento, basta vermos a velocidade com que os telefones celulares e seus descendentes são lançados no mercado, ou você é capaz de dizer

³⁴ CASTRO, Rafael Barreto de, PEDRO, Rosa Maria Leite Ribeiro. Redes de vigilância: a experiência da segurança e da visibilidade articuladas às câmeras de monitoramento urbano. In BRUNO, Fernanda, KANASHIRO, Marta, FIRMINO, Rodrigo. **Vigilância e visibilidade: espaço, tecnologia e identificação**, p. 40.

³⁵ BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**, p. 31.

todas as funcionalidades de seu aparelho? Esta voracidade que as empresas lançam seus produtos, cria na mente humana uma falsa percepção do tempo, pois falsamente acreditamos que estamos atrasados e que se não corrermos nunca estaremos “in”³⁶. Neste sentido o consumo torna um ato reflexo aprendido e interiorizado ou, quem sabe, um condicionamento externo que é conhecido pelo mercado, motivo pelo qual ele aplica em campanhas publicitárias calculadas e design que vão do hipermoderno ao retro com o intuito de aguçar no consumidor o desejo do ter, a depressão de ainda não ter e a ansiedade de ter logo, ou melhor, ter para ontem.

A fim de enfrentar sua crise interior, claro que provocada por terceiros, uma vez que a indústria do mercado calcula o tempo de duração de um produto pelo lucro que ele pode gerar - pedimos vênica aqui para utilizar de um termo das ciências exatas – ou seja, a meia-vida deste bem, que pode durar dias, semanas ou meses, mas que com certeza será muito curta em relação a durabilidade do bem, nós forçamos o descarte destes objetos, pois eles nos causam insatisfação e uma sensação de impotência.

Descartar, portanto, é uma das formas pela qual conseguimos nos desvencilhar do velho, na verdade, defasado, como bem lembrado por Bauman³⁷, criando assim uma taxa de produtos descartados jamais vista, mas que é a forma pela qual alimentamos o provedor que nos provêm daquilo que mais desejamos, o consumo.

Sendo o consumo uma condição natural, pois consumimos para sobreviver, tal qual consomem todos os seres vivos, o que temos hoje, nas sociedades hipermodernas, ainda que de forma não homogênea, é um incremento do sistema, passando de um simples consumo para um consumismo³⁸ desenfreado. Lipovetsky³⁹ traduz de forma clara este tempo hipermoderno, quando alerta para o fato de que vivemos em uma escalada do

³⁶ Utilizamos o termo “in” para designar aquilo que está na moda no momento, em alta, porém, podemos utilizar também o sentido dado por Bauman de ser aquilo que deve se ter, fazer e ser visto tendo e fazendo. BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**, p. 138.

³⁷ BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**, p. 31.

³⁸ Bauman no seu livro traz uma passagem de Colin Campbell para quem o consumismo é um consumo especialmente importante, senão central para a sua vida, i.e., o verdadeiro propósito da existência. BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**, p. 38.

³⁹ LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. **Os tempos hipermodernos**, p. 56.

querer sempre mais, em todas as esferas, tanto que o frenesi consumista atinge comportamentos extremos, tais como: dopping, assassinatos em serie, bulimias, anorexias, obesidades, compulsões e vícios. Assim, se por um lado somos prudentes e calculistas, pois estamos preocupados com nossa saúde, com o que comemos - quantas vezes lavamos as mãos, passamos álcool para ampliar a higienização -, por outro nos mostramos verdadeiramente desequilibrados e caóticos, apresentando um comportamento disfuncional, pois consumimos basicamente tudo que a indústria vende, através da mídia, como sendo bom e essencial para nossa saúde, que na maioria das vezes naquele espaço-tempo desconhecemos, mas que logo adiante será considerado um veneno, pois novas análises CIENTÍFICAS demonstraram que o que se acreditava não correspondia às expectativas.

O ato de se alimentar, nos dias atuais, costuma vir associado à ideia de culpabilidade ou de infração contra as boas normas da vida sadia. Primeiro, porque recebemos as informações veiculadas pela mídia, que se faz de porta-voz da ciência médica. Desse modo, como que insensivelmente, o bom garfo tradicional vai cedendo terreno ao homem que come receoso e desconfiado.⁴⁰

Como se não bastasse, a mídia propulsora do consumismo não só amplia o consumo como pode levar à bancarrota empresas e produtores. Para tanto basta criar um alarme geral, através de frases sensacionalistas, as quais criam no inconsciente coletivo um medo de ser a próxima vítima. Não cabe aqui aprofundar demasiado este ponto, porém para exemplificar trazemos uma notícia alarmista distribuída mundialmente nos últimos dias. Esta assim descrito nos jornais: “Bactéria dos 'pepinos assassinos' chega à Inglaterra”⁴¹. A frase de impacto gerou, segundo notícias internacionais⁴², um prejuízo milionário para os produtores rurais espanhóis, tanto que o primeiro-ministro de Espanha, Jose Zapatero, anunciou que vai pedir uma compensação pelos danos causados pela crise do pepino.

O certo é que a cultura do medo supera em muito o número de ocorrências de crimes, no entanto, a

⁴⁰ LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade da decepção**, p. 26.

⁴¹ <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2011/05/29/bacteria-dos-pepinos-assassininos-chega-inglaterra-383181.asp>

⁴² http://economico.sapo.pt/noticias/espanha-pede-indemnizacao-por-danos-causados-pela-crise-do-pepino_119711.html

impressão que se tem é que sair às ruas e retornar incólume se transformou em uma grande aventura e um fato raro.

O jornalismo sensacionalista é cada vez mais criticado, no entanto, na mesma proporção, cada vez mais consumido. Há uma demanda de mercado, por esse tipo de cobertura, talvez representada pelos cidadãos mais incautos que acreditam dessa forma estar se informando e se precavendo de serem eles as próximas vítimas.

Esse culto à violência pode ser também, para alguns, uma forma de descarregar o acúmulo de stress, por meio do alívio obtido ao se perceber que por pior que pareça a situação vivida, há coisas muito mais terríveis nas quais não estamos envolvidos, apenas acompanhamos de longe sem sofrer com as suas conseqüências, ou, ainda, pode ser usado como uma forma de esconjurar e exorcizar o medo já que ao conviver freqüentemente com o terror ele passa a fazer parte do nosso cotidiano e não nos assusta mais.⁴³

Portanto nossas escolhas, no mais das vezes não só antieconômicas, mas supérfluas, são geradoras de uma crise econômica, pois nos atraem para um endividamento e, por conseguinte, insolvência, uma crise para com o meio ambiente, pois o lixo desperdiçado cresce em proporções alarmantes, uma vez que não somos mais preparados para o consumo de produtos que possuam e garantam uma longa durabilidade, antes pelo contrário, o que desejamos é um descarte quase que imediato, uma crise social, pois o mercado cria uma seleção de consumidores aptos, consumidores esporádicos, os quais seria melhor não ter nos cadastros, e os refugos, sendo que estes encontram muitas vezes nos crimes patrimoniais e no tráfico de drogas, a única forma de serem reconhecidos, ou melhor, saírem de uma invisibilidade criada pelo próprio sistema. Por último a crise psicológica, pois em não sendo um consumidor apto, não tendo chance ou não querendo se utilizar do crime como forma de obtenção da possibilidade de consumir, as pessoas apresentam sintomas de depressão, ansiedade e descontrole emocional, destruindo não só o próprio agente, mas todos aqueles que o rodeiam.

Neste interim cabe certa reflexão no quem vem a ser o refugio do consumismo, tanto pelo lado dos objetos obsoletos, e que são por nós descartados, como o refugio da raça humana, i. é, aqueles que já não encontram mais espaço em nossa limitada sala de estar.

⁴³ GARCIA, Maria Tereza. **Violência e medo, elementos extintos no newsmaking do jornalismo público**. Cronos, Natal-RN, v. 7, n. 2, jul./dez. 2006, p. 383-397.

2.2 O refugio do consumismo: objetos e consumidores

A alta rotatividade de objetos, vista a fluidez que gera a incapacidade de vínculo com seu proprietário, uma vez que qualquer vínculo duradouro remonta ao século XIX e XX, produz, necessariamente, um descarte destes bens de consumo. Ocorre, que o ciclo entre a produção do bem, compra e descarte, não só não é retroalimentada, como gera um excedente de lixo que sua reutilização, reciclagem, é mais dispendiosa que a produção direta da matéria-prima, sendo assim, este excedente é descartado na natureza destruindo incondicionalmente nossa flora, fauna, e, por conseguinte, a população humana que não consegue viver longe dos bolsões de descarte (lixões).

Cabe aqui lembrar uma passagem de Bauman⁴⁴, quando alerta para o fato de que a indústria de remoção do lixo, gera mais lixo, ampliando os problemas, porém por outro lado gera riqueza para um número reduzido de acionistas em detrimento de populações inteiras do terceiro mundo, que recebem o resto do lixo em seus países em troca de pequenos valores pagos aos empresários famintos pelo lucro a qualquer custo e políticos corruptos vorazes por mais um mandato, que importam este lixo, através de esquemas fraudulentos, um verdadeiro mercado negro do lixo excedente do mundo desenvolvido. Estes containers contendo o resto do lixo dos países ditos desenvolvidos podem ser encontrados nos portos dos principais países subdesenvolvidos, bem como do Brasil.

O esgotamento do espaço, em determinados países, para o depósito do lixo produzido cria, por outro lado, a necessidade de uma ampliação de espaços além-mares e, por conseqüência, um incremento de pessoas que irão sobreviver deste lixo gerado, i.e., o lixo do consumo cria um lixo humano, o refugio da sociedade. Estas pessoas são necessárias, pois são elas que farão a limpeza de nosso lixo para que possamos viver na chamada sociedade higienizada. Enquanto isto, os catadores e consumidores do nosso lixo, se

⁴⁴ BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**, p. 37.

sentem consumidores, mesmo que de um resto proveniente dos consumidores primários. Se você não se importa, há vagas!

“Os consumidores de uma sociedade de consumo, da mesma forma que os habitantes da Leônia de calvino, precisam de coletores de lixo, e muitos, e do tipo que não evitará tocar e manusear o que já foi destinado ao monte de dejetos – mas os próprios consumidores não se dispõem a fazer o trabalho dos coletores. Afinal foram criados para obter prazer com as coisas, e não sofrimento”.⁴⁵

Se você não deseja ser consumidor secundário, terciário ou até quaternário e não tem condições de ser um primário, então você tem, não mais que duas alternativas: não consumir e, portanto, não ser ou procurar um local dentro da cadeia de ações ilícitas, a fim de obter a condição de consumidor. De qualquer forma, hoje pelos Estados modernos, uma única chegada está reservada ao refugio humano, ao excedente, o sistema carcerário, pois é ele o instrumento de controle do chamado exercito de reserva, não mais temporário, mas sim definitivo⁴⁶. Nas palavras de Brunkhorst⁴⁷ “a consequência de corpos supérfluos, não mais exigidos para o trabalho, é consequência direta da globalização” desregulamentada e, portanto, “são” seres invisíveis ou nos termos do autor emudecidos. Portanto, não nos parece lógico acreditar, mesmo que em longo prazo, em uma redução da massa carcerária, pois é este o instrumento utilizado para manter afastados (elixir da invisibilidade) aqueles não tem o poder do consumo e que atrapalham aqueles que desejam consumir tranquilamente, sem perturbação. As prisões, ainda que com um alto custo, são a forma mais funcional para guardar um excedente que já não tem mais lugar na sociedade excludente do consumo e, diferentemente do que ocorria no início do século XX quando o afastamento era temporário, agora a exclusão é definitiva, em termos comerciais.

Pedimos vênias para retornar a um ponto, pois a idéia de ser consumidor, i.e, TER é ser e estar, para que possamos ser reconhecidos e estar como

⁴⁵ BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**, p. 76.

⁴⁶ “seja por uma sentença explícita ou por um veredito implícito, mas nunca oficialmente publicado, tornaram-se supérfluos, imprestáveis, desnecessários e indesejados, e suas reações, inadequadas ou ausentes, transmitem a censura de uma profecia auto-realizadora”. BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**, p. 54.

⁴⁷ BRUNKHORST, Hauke. *Global society as the crisis of democracy*, p. 233. Apud BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*, pp. 55-56.

incluídos é necessário que utilizemos os símbolos corretos, aptos para abrir as portas que nos levarão às residências seguras das tribos pós-modernas, parafraseando Maffesoli. Uma vez alçados à categoria de consumidores, devemos lutar para se manter na crista da onda, pois o repuxo constantemente lembra você que a queda é questão de tempo. No mesmo sentido, há uma lembrança permanente de que não há mais botes salva-vidas para os que foram sugados pelo repuxo e que emergir é uma possibilidade infinitamente mínima.

Está claro, seguindo este pensamento, que a existência de não consumidores, i.e., do excedente, parasitas e intrusos, é visto pelos detentores do poder do consumo como um mal que deve ser mantido o mais afastado possível para não infectar o tecido social saudável e, portanto, qualquer meio, justifica o fim. Para ilustrar Bauman apresenta a seguinte passagem:

As pessoas supérfluas estão numa situação em que é impossível ganhar. Se tentam alinhar-se com as formas de vida hoje louvadas, são logo acusadas de arrogância pecaminosa, falsas aparências e da desfaçatez de reclamarem prêmios imerecidos – senão de intenções criminosas. Caso se queixem abertamente e se recusem a honrar aquelas formas que podem ser saboreadas pelos ricos, mas que, para eles, os despossuídos, são mais como veneno, isso é visto de pronto como prova daquilo que a “opinião pública” (...) “já tinha advertido” – que os supérfluos não são apenas um corpo estranho, mas um tumor canceroso que corrói os tecidos sociais saudáveis e inimigos jurados do “nosso modo de vida” e “daquilo que respeitamos”.⁴⁸

Como se percebe, as consequências do consumismo desregulado leva a, no mínimo, dois tipos de refugos, isto é, de material descartável, que são os objetos não mais desejados, aqueles que dizemos cotidianamente que “só ocupam espaço” e dos não consumidores, seres humanos supérfluos, que devem ser descartados nos lixões humanos, também conhecidos como prisões ou cárceres, pois a degradação do ser nestes lugares é própria para células malignas.

Baseado nesta visão de consumo, consumidores e de refugo, é essencial analisar a forma pela qual a sociedade se movimenta e se inter-

⁴⁸ BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**, p. 55.

relaciona, especialmente pelo fato de que a mobilidade hoje está intrinsecamente vinculada à internet, às redes sociais, ou seja, uma mobilidade no tempo então no espaço (Trata-se de uma mobilidade imóvel, substituição da mobilidade no espaço)⁴⁹.

2.3 A sociedade de consumo na era da velocidade

A sociedade contemporânea tem como referencia não mais a relação interpessoal, mas sim a relação entre pessoas e coisas (economia/consumo)⁵⁰ e é sob este viés que devemos estudar o consumo e a criação de uma massa de excluídos, pois, enquanto a sociedade do consumo acelera-se em face da sinergia provocada pela mídia e pelo marketing, o refugio deste consumo excludente alimenta o crime e, por consequência, o número de encarcerados (guardados em gaiolas aguardando o momento de serem descartados de forma definitiva – baixa colateral). Neste sentido, a prisão apresenta dupla função: a) guardar temporariamente os descartados e b) tornar invisível o nosso lixo humano.

O espectro de vulnerabilidade paira sobre o planeta “negativamente globalizado”. Estamos todos em perigo, e todos somos perigosos uns para os outros. Há apenas três papeis a desempenhar – perpetradores, vítimas e “baixas colaterais” – e não há carência de candidatos para o primeiro papel, enquanto as fileiras daqueles destinados ao segundo e ao terceiro crescem interminavelmente.⁵¹

Não menos sutil é a linha que separa os “supérfluos” dos criminosos; underclass e “criminosos” são duas subcategorias de “elementos anti-sociais” que diferem uma da outra mais pela classificação oficial e pelo tratamento que recebem por suas atitudes e comportamento.⁵²

Porém, analisando esta aceleração social verifica-se que há uma troca entre os perfis das gerações cada vez mais rápida. Por este fator falar em

⁴⁹ VIRILIO, Paul. **A inércia polar**, p. 127.

⁵⁰ WUNDERLICH, Alexandre. Sociedade de Consumo e Globalização: abordando a teoria garantista na barbárie. (Re)afirmação dos Direitos Humanos. In: CARVALHO, Salo de & WUNDERLICH, Alexandre (org). **Diálogos Sobre a Justiça Dialogal: Teses e Antíteses sobre os Processos de Informalização e Privatização da Justiça Penal**, p. 3.

⁵¹ BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**, p. 128.

⁵² BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**, p. 24.

consumo anual, mensal, parece ainda um vínculo com as gerações próprias da sociedade presa ao espaço, enquanto que as novas gerações (geração da velocidade, geração *wireless*), por ser o tempo o seu referencial, o consumo se dá na velocidade da web, ou quem sabe, do nanosegundo, e, por ser demasiadamente rápido, o consumo torna-se verdadeiramente uma forma de consumismo patológico. Sendo assim, a análise dos referenciais desta sociedade consumista, informática, é totalmente incompatível com os instrumentos que temos para estudá-la e controlá-la, especialmente quando abrimos mão das leis e do direito para tornar efetivo este controle.

Como se sabe o tempo tomou o lugar do espaço⁵³ e a sociedade já não mais interage, movimenta-se, troca informações e saberes em função do local, mas por frações de tempo. As relações comerciais flutuam em uma nuvem que paira em um ciberespaço (cyber cloud)⁵⁴, de forma com que as riquezas não estejam em um local, mas no local mais apropriado naquele momento ou em todos os lugares ao mesmo tempo, pois é neles que deve estar. Neste mundo a fluidez e a mobilidade são peças chaves para uma boa performance. Assim, sabendo-se que o tempo age multifacetadamente na sociedade, vamos ter um tempo para os consumidores e outro tempo para os supérfluos, sendo que os efeitos sofridos pelos consumidores neste tempo social -imediatidade -não é o mesmo daquele que se encontra preso aos guetos de lixo humano – eterno retorno..

Nos parece óbvio, mas não é percebido, que o tempo cronológico passa de forma igual para o consumidor (visível) e para o supérfluo (de preferência invisível), porém há outros tempos, dentre eles o tempo subjetivo, i.e., a

⁵³ Trata-se aqui de uma visão do tempo trazida por Ilya Prigogine, ou seja, de uma existência de tempo sem espaço, em face de o tempo preceder a matéria, pois para ele o universo, da forma como vemos hoje, é o resultado de uma instabilidade de uma situação que o precedeu. **O nascimento do tempo**, pp. 35-37. Por outro lado, Santo Agostinho alertava que não há tempo sem variedade de movimento, e essa não se dá de forma alguma se não há forma, espaço. **Confissões**, p 370.

⁵⁴ *Cloud computing is a model for enabling convenient, on-demand network access to a shared pool of configurable computing resources (e.g., networks, servers, storage, applications, and services) that can be rapidly provisioned and released with minimal management effort or service provider interaction.* **Tadução livre:** Cloud computing é um modelo conveniente para permitir acesso à rede sob demanda para um conjunto compartilhado de recursos de computação configurável (por exemplo, redes, servidores, armazenamento, aplicações e serviços) que podem ser rapidamente provisionados e lançado com o mínimo esforço de gestão ou prestador de serviços interação. http://www.arinc.com/downloads/product_collateral/cloud_computing_101.pdf

percepção do passar do tempo, e este não se demonstra igual para ambos os casos (consumidores x supérfluos). Enquanto os consumidores são aptos a se mover ciberneticamente e espacialmente em todas as direções e, portanto, seu tempo é um aliado, para os supérfluos o tempo é um entrave capaz de lhe fazer viver em um eterno-retorno, pois sua mobilidade ficou restrita ao mísero espaço que lhe foi permitido ocupar.

a existência atual estende-se ao longo da hierarquia do global e do local, com a liberdade global de movimentos indicando promoção social, progresso e sucesso, e a imobilidade exalando o odor repugnante da derrota, da vida fracassada e do atraso. Cada vez mais, a globalidade e a localidade adquirem o caráter de valores opostos (e valores supremos por sinal), valores intensamente cobiçados ou invejados e situados no centro mesmo dos sonhos de vida, dos seus pesadelos e batalhas⁵⁵

Esta sociedade da aceleração, da ansiedade consumista e que desloca-se por meio da rede, remodela diariamente o seu comportamento dependendo das coordenadas impostas pelos lançamentos do mercado (plasticidade). Isto é reforçado pela velocidade das inovações tecnológicas e de marketing que *“tornam os produtos permanentemente defasados ou criando a impressão de que, se não mantiver em dia, você é que será o defasado”*⁵⁶. E nesta sociedade, também chamada de uma sociedade do risco, os consumidores reduzem o risco de ter que conviver com supérfluos, utilizando-se do direito, e em especial do direito penal, pois é ele que consegue de forma mais ágil retirar da sociedade, por um período de tempo, aquele que já não mais tem lugar entre nós, se é que algum dia teve. Após esta exclusão forçada, quando jogados no gueto dos supérfluos, além de perderem o direito de movimentarem-se livremente, perdem também a possibilidade de fazer parte da sociedade globalizada e do consumo, pois como lembra Bauman *“uma parte integrante dos processos de globalização é a progressiva segregação espacial, a progressiva separação e exclusão.”*⁵⁷

Com a derrocada do Estado Social e o resplandecer da sociedade do consumo, onde somente consumidores aptos é que são desejados, o sistema

⁵⁵ BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**, p. 129.

⁵⁶ BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**, p. 77.

⁵⁷ BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**, p. 9.

penal e processual penal, bem como uma política criminal, baseado na exclusão, tem se mostrado apto a cumprir o seu papel de retirar o lixo humano da nossa passagem. E observa-se que quanto mais longo for o tempo de pena, maior o tempo que estaremos livres dos intrusos sociais (refugo). Neste sentido é salutar finalizar este capítulo, já encaminhado o leitor para o problema da indústria da segurança, com a citação de Bauman “*As pessoas que cresceram numa cultura de alarmes contra ladrões tendem a ser entusiastas naturais das sentenças de prisão e de condenações cada vez mais longas. Tudo combina muito bem e restaura a lógica ao caos da existência.*”⁵⁸

3. SEM MEDO DE TER MEDO: O MERCADO DA (IN)SEGURANÇA

3.1 A indústria da segurança privada: dando a chave ao inimigo

Como é sabido, o mercado da indústria de segurança privada cresce assustadoramente, graças a vários fatores, porém três devemos elencar: a) a política de segurança pública e, por consequência, o abandono do espaço público; b) a maior visibilidade aos fatos violentos através das redes e; c) a utilização destes fatos pela mídia, uma vez que apresentam uma alta rentabilidade. Este cenário não é novo, pois desde o final dos anos 70 já era percebido um aumento nesta área de atuação, mas é no final dos anos 90 que a segurança privada sedimenta definitivamente suas bases, graças a uma política de exploração da violência pela mídia e de introjeção do medo coletivo.

A exploração do medo e do sensacional parece ser o fio condutor no processo de *newsmaking* onde a violência e as imagens de terror encabeçam a lista dos valores-notícia, na árdua batalha pela atenção e retenção do público.

(...)

No entanto, no Brasil, tem sido fonte de grandes questionamentos, já que a TV brasileira apresenta característica **intrinsecamente comercial**, sem preocupação com os interesses públicos, **baseada apenas nos índices de audiência e concorrência** e onde há uma concentração das emissoras nacionais nas mãos de poucas famílias.

(...)

⁵⁸ BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**, p. 131.

Os proprietários desses conglomerados da mídia, em busca de lucros e audiência, acabam por massificar a programação oferecendo poucas alternativas ...

(...)

Ingredientes como violência, sexo, comportamentos grotescos ou esdrúxulos passam a ser a tônica que norteia o fazer jornalístico, levando à esfera pública cenas do cotidiano que mereceriam nenhum destaque,...

(...)

Já a divulgação de assaltos, homicídios, estupros e outras agressões, geram na população medo e desconfiança em relação aos seus semelhantes, gerando atitudes defensivas e uma auto-reclusão devido à insegurança alardeada pelo aumento da exploração da violência.⁵⁹

Se por um lado o mercado da segurança privada se mostra lucrativo e em profunda expansão, para os que atuam conjuntamente com estes, lojas, shoppings, incorporadores, etc., a segurança privada se apresenta como um elemento agregador de valor econômico, portanto, quando efetuado um negócio, nele já está embutido o valor deste bem, qual seja, a segurança. Buscando agregar valor a estes bens através da segurança, o mercado exigiu um aumento de curso superior e de pós-graduação na área de segurança pública e privada, pois quanto mais qualificados os agentes prestadores de serviço, maior seria o valor cobrado e, por conseguinte, o lucro obtido pelas empresas de segurança. Segundo a revista Segurança e Cia⁶⁰, em mais de 15 estados brasileiros já são oferecidos cursos de tecnólogo em segurança, especialização e MBA na área. Somente para ilustrar a corrida pela segurança privada, no Rio Grande do Sul já há cursos específicos para formação de seguranças privados para a Copa do Mundo de 2014⁶¹.

A violência real sendo um fator de aumento da segurança privada não é de todo verdadeiro, pelo menos, é o que acreditamos, pois não há efetivamente uma relação **direta** entre violência e segurança privada. Como se verifica, há países em que a violência é relativamente baixa, porém o gasto com segurança privada é alto. Aqueles que defendem cegamente esta posição poderiam dizer

⁵⁹ GARCIA, Maria Tereza. **Violência e medo, elementos extintos no newsmaking do jornalismo público**. Cronos, Natal-RN, v. 7, n. 2, jul./dez. 2006, p. 383-397.

⁶⁰ <http://www.revistasegurancaecia.com.br/index.asp?pg=revista.asp>, 2007, p. 29.

⁶¹ As regras gerais da FIFA sobre segurança nos estádios de futebol estão a desenhar um novo modelo de expansão da segurança privada no Brasil em razão da Copa 2014. O Regulamento de Segurança da FIFA disciplina exaustivamente tudo sobre a segurança nos grandes eventos futebolísticos. ANDERLE, Adelar. **COPA 2014: Expansão da Segurança Privada**. <http://www.firearms.com.br/copa.pdf>

também que o aumento da violência tem a ver com a expansão da economia, porém não acreditamos ser tão simples a resposta. Após uma leitura mais abrangente, a midiática da violência e a cultura do medo imposta (discurso falacioso da violência), não só pela mídia, mas por um conglomerado que tem acionistas em ambos os lados (mídia e empresas de segurança privada), é que cria uma sociedade do pânico e do medo, fazendo com que as pessoas e as empresas procurem uma forma de reduto para se sentirem mais seguras, para tanto abrem mão de sua privacidade, pois, falsamente, acreditam estar mais seguras quando vigiadas 24 horas, através de CFTV - Câmaras de Circuito Fechado, de rastreadores por GPS.

Uma das características mais relevantes dos condomínios é “seu isolamento e sua distância da cidade... e- como os construtores e as imobiliárias insistem em dizer – “o fator-chave para obtê-lo é a segurança. Isso significa cercas e muros ao redor do condomínio, guardas (24 horas por dia) vigiando os acessos e uma série de aparelhagens e serviços ... que servem para manter os outros afastados”.⁶²

Cabe aqui trazer, ainda que de forma sucinta, a base do discurso apresentado pelas empresas de segurança privada, mas que tem como base dados, nada estatísticos nem pesquisas com controle científico, apresentados pela mídia sensacionalista. Em um destes discursos de venda de segurança privada consta que os jornais têm apresentado um aumento significativo de ações violentas nos centros urbanos e um enxugamento da segurança pública, forçado pela redução dos orçamentos públicos, sendo assim não resta outra alternativa, para você cuidar de seus familiares e de seu patrimônio do que contratar uma empresa de segurança privada, pois só assim você poderá dormir tranquilo, enquanto nós (empresa de segurança) ficaremos “cuidando e protegendo” tudo que você mais ama.

Estes dispositivos estão cada vez mais modernos e com uma tecnologia mais avançada com o intuito de minimizar a **insegurança que vive a maioria de população brasileira devido ao aumento da taxa de criminalidade no País.**

Os roubos e invasões de propriedades rurais também já são causas de preocupações pelos seus donos. A **Segurança pública tem enfrentado a maior crise brasileira** e tem sido tema de debates em seminários,

⁶² BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**, p. 39.

congressos e conferências em todas as regiões do País. **As polícias com suas estruturas deficientes diante de toda a organização e ousadia dos criminosos** têm enfrentado os piores momentos de toda a sua história. A antiga Vigilância que trazia o guarda contratado por moradores de um bairro ou de uma quadra nos dias atuais é muito deficitária. Ainda é valiosa no sentido de comunicar a polícia no momento de qualquer movimento suspeito, mas não tem mais a autoridade e a garantia de segurança que trazia a população nos tempos passados.⁶³ (grifamos)

Por outro lado, a mídia justifica a necessidade de empresas de segurança privada trazendo dados obtidos das empresas de segurança privada! Neste sentido justifica seu discurso apresentando as informações prestadas pela indústria da segurança privada, enquanto estas justificam sua necessidade em cima das notícias jornalísticas, que alegam que a violência e o medo têm aumentado assustadoramente e que a utilização da segurança privada faz diminuir drasticamente os números de violência, trazendo uma sensação de segurança aos moradores. Neste sentido:

Há três anos, a prefeitura de Porto Alegre cercou toda a extensão do parque. Atualmente, dois motociclistas patrulham os quase 64 mil metros quadrados de área da praça. A síndica de um prédio próximo ao local afirma que **a vigilância já trouxe resultados. — Diminuiu a criminalidade, com certeza.** Ainda pode melhorar, mas já temos condições de andar com mais tranquilidade — comemora. No total, 1.098 moradores contribuem com taxa de R\$ 12,75 por mês para o pagamento dos seguranças. O supervisor de Praças, Parques e Jardins da secretaria municipal de Meio Ambiente, Carlos Py, não condena a atitude.— Não se pode negar que o caminho, quando o problema é grave, é a iniciativa privada — admite. Fonte: Zero Hora⁶⁴ (grifamos)

Parece-nos lógico que há uma conjunção de esforços, pois a mídia diz que as empresas de segurança dizem e trazem números. Estes dados já publicizados, servem para que as empresas de segurança privada utilizem para fazer crer que é necessária a contratação de segurança privada, porém não informam que os dados apresentados para criar o sentimento de medo foi apresentado por ela, ou seja, temos um ciclo vicioso e auto-reprodutor, pois a violência e medo são produzidos pela indústria da segurança, que é transmitido

⁶³ <http://www.seguranca.org/seguranca/seg-seguranca>

⁶⁴ <http://segurancaprivadadobrasil.wordpress.com/category/noticias/page/2/>

pela mídia, que serve de base para uma maior ampliação da indústria do medo e da insegurança, em nome do lucro.

Mas é possível obter grandes lucros comerciais graças a insegurança e ao medo. E é justamente isso que acontece. Stephen Graham diz que “os publicitários exploram deliberadamente o medo difuso de um terrorismo catastrófico para incrementar, em seguida, as vendas dos muitos lucrativos SUV”^{65,66}

Ocorre, salvo melhor juízo, uma criação de cofres humanos, nos quais a possibilidade de entrar ou sair é controlada por milhões de aparatos eletrônicos, os quais, não é só você que possui a senha. Observamos isto, pois a produção desta sensação de caos e de insegurança gera uma corrida desenfreada pela procura de portas codificadas, câmeras, carros blindados, monitoramento, guarda privada, de forma que estes aparatos são criados por homens e controlado, na grande maioria das vezes, também por homens, de forma que aqueles que controlam os sistemas que nos trazem segurança, são, invariavelmente, pessoas as quais queremos manter longe do nosso contato, são pessoas que se encontram, quase sempre, na condição limítrofe, i.é., são baixos consumidores, que atrapalham nosso consumo, pois tumultuam com sua mesquinharria aqueles que podem consumir.

As empresas de segurança contratam, e isto não precisa ser uma regra, pessoas para trabalhar em situação de risco, em locais insalubres, nas mais variadas condições de clima e temperatura, com escalas que desequilibram o relógio biológico do agente - impondo plantões noturnos - bem como extirpam, em alguns casos, os finais de semana desta pessoa com a sua família, pois estão escalados para fazer a nossa segurança e, tudo isto, por um salário, do qual nós nos negaríamos a retirar nossos carros blindados de nossas garagens.

Esta forma de construção, pregando segurança máxima, mostra-se, invariavelmente uma forma de segregação e exclusão que, segundo Bauman⁶⁷, gera condições para guerras urbanas. Porém, acrescentamos, esta exclusão

⁶⁵ GRAHAM, Stephen. Postmortem city: towards and urban geopolitics. City, vol 8, nº2, jul 2004, pp. 165-196. APUD BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**, p. 54.

⁶⁶ BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**, p. 54.

⁶⁷ BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**, p. 41

delimita claramente quem dá as ordens e quem recebe as ordens, mas ao mesmo tempo aquele que dá as ordens, licitamente falando, são reféns de quem recebe as ordens. Tomemos o seguinte exemplo: um condomínio com segurança privada máxima, onde seus moradores estão todos identificados documentalmente e através de reconhecimento biométrico, cercado por grades e cercas elétricas mais um sistema CFTV. Vários servidores controlam os equipamentos a fim de garantir a maior segurança possível destes moradores. Utilizam dentre outros equipamentos um sistema de registro de moradores e câmaras de TV, para poder visualizar a movimentação destes moradores, tanto na entrada e saída do condomínio quanto dentro do próprio condomínio. Estas filmagens, e nem precisaria da filmagem, indicam a rotina dos moradores. Inicialmente já podemos elencar o primeiro grande equívoco? Imagine que aquele que lhe serve, e o termo aqui utilizado é servir, recebendo míseros trocados, locomovendo-se em ônibus lotado e comendo, não raras as vezes, os restos de comida dos moradores, sabe exatamente onde você está, quando está em casa, quando retorna, quais seus hábitos e de sua família, bem como percebe o quanto você esbanja e menospreza o outro que está do lado de fora do cercado e é este o lugar que você quer que ele fique (que normalmente é quem está, durante parte do dia na cabine cuidando de você). É este outro, salvo um equívoco, que detém o controle visual de sua rotina. Mas seguindo a lógica, este sujeito também toma contato com suas correspondências, pois você não está em casa 24 horas para recebê-la, assim quem irá receber as informações provindas pelo correio será a pessoa que no sistema possui todas as suas informações (Dados do RG, CPF, etc..)⁶⁸. Portanto, imagine você recebendo correspondências bancárias, por exemplo, talões de cheques, e estes são desviados indevidamente. Munidos de sua identidade e dos dados ali constantes qualquer pessoa está apta a liberar este talonário e, mais, clonar seus documentos para iniciar as compras. Como se percebe, aquele que foi

⁶⁸ Indicamos ao leitor um texto que trata do tema e que apresenta o caso de Carlos Silva (nome fictício) o qual teve seus dados subtraídos e utilizados indevidamente. Com os dados de Carlos, pessoas conseguiram adquirir telefones, os quais estavam em nome de Carlos, mas que ele próprio não sabia, só para ter conhecimento de que seus dados haviam sido utilizados, quando seu nome foi parar no sistema de proteção ao credor, tendo, por este motivo seu CPF bloqueado. WOOD, David Murakami e FIRMINO, Rodrigo José. Inclusão ou repressão? Questões de identificação e exclusão no Brasil. In: BRUNO, Fernanda, KANASHIRO, Marta, FIRMINO, Rodrigo. **Vigilância e visibilidade: espaço, tecnologia e identificação**, p. 251.

contratado para dar-lhe garantia e segurança, é detentor de informações suas, - às vezes sabendo, inclusive, mais do que você mesmo - que são compradas a preço de ouro no mercado negro, no mercado ilícito do crime. As empresas de segurança privada possuem mais informações privilegiadas que o próprio governo, podendo utilizá-la da melhor forma que lhe prover, bem como seus agentes poderão obter um bom lucro com a venda destas informações. Cabe aqui deixar claro que esta suposição apresentada parte do pressuposto de que há pessoas que, visando lucro fácil, agem de má-fé.

Seguindo esta seara, imagine agora esta empresa de segurança passando por uma crise nas condições financeiras. Poderia ela fazer uso das informações que lhe foram concedidas, para obter recursos a fim de sanar suas dívidas? E aqui cabe um esclarecimento: não que estas informações fossem direcionadas para o mercado do crime, mas que tivessem sido repassadas a lojistas, que sabendo de sua rotina, de seu e-mail, de seus telefones, lhe inserissem em sua base de dados para que você se tornar mais uma das milhões de pessoas que recebem diariamente propagandas e spams que vão desde a venda de remédios até cruzeiros. A obtenção de dados, no mundo virtual, é geradora de lucro e de expansão de mercado.

Como se percebe, o consumo de segurança privada, a fim de obter a segurança tanto almejada, pode se tornar o reverso da moeda, i.é, pode ser ela sim, o maior fator da sensação de insegurança vivida por nós.⁶⁹

3.2 Quem ganha com a disseminação do medo? Consumidor não falta

Novamente retornamos ao ponto inicial, ou seja, será que a violência tem aumentado em proporções jamais vistas, ou será que a midiaticização, a internet, as redes sociais, aceleram e proliferam as informações, de forma tão recorrente que nós temos a sensação de milhões de condutas criminosas, sem nos darmos conta que a mesma notícia foi visitada mais de uma vez e

⁶⁹ LEMOS, André. Mídias locativas e vigilância. Sujeito inseguro, bolhas digitais, paredes virtuais e territórios informacionais. In: BRUNO, Fernanda, KANASHIRO, Marta, FIRMINO, Rodrigo. **Vigilância e visibilidade: espaço, tecnologia e identificação**, pp. 61-72.

preenchendo o tempo nos dá esta sensação? Se esta resposta for positiva, será que o mercado, sabendo disto, não utiliza esta forma de apresentação da imagem como arma, para nos gerar uma sensação de insegurança e, por conseguinte, aflorar nosso medo de sermos a próxima vítima? Seria, portanto, uma forma de estelionato ou um crime contra o consumidor⁷⁰ a propagação de notícias a fim de gerar na sociedade um pânico por uma insegurança não tão grave com o intuito de, ao final, obter lucro através das empresas de segurança privada?

Após uma digressão aos pontos trazidos por Bauman quanto ao tema verificamos que a sociedade vive hoje em um momento de crise do próprio reconhecimento do Outro. Nossa idéia de segurança traz consigo a idéia de consumo, ou seja, consumimos segurança.

Mas o que consumimos, senão aquilo que desejamos, pois vemos nos outros aquilo que nos falta. Assim para que possamos consumir é necessário, que percebamos que há falta de algo, que há falta de segurança. Assim, quando nos é facilitado visualizar, ainda que falsamente, que não temos a segurança desejada, - vivemos submersos em uma nuvem de informações que exploram a insegurança como tema central -, nosso organismo responde com uma sensação de medo, de forma que vemos efetivamente que o que nos falta é algo que temos que comprar, *i.é*, segurança, ainda que seja dever do Estado a garantia deste bem, segundo a Constituição da República, *in verbis*:

Art. 144. A segurança pública, dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, é exercida para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio.

A partir deste momento, em que nosso cérebro percebe que as informações dão conta de uma insegurança, o medo aflora e a ânsia pela segurança nos leva a consumir. É baseado neste fato, a muito já alardeado, que as empresas de segurança privada se proliferam. Temos, portanto, por um

⁷⁰ Art. 68. Fazer ou promover publicidade que sabe ou deveria saber ser capaz de induzir o consumidor a se comportar de forma prejudicial ou perigosa a sua saúde ou segurança:

Pena - Detenção de seis meses a dois anos e multa:

Parágrafo único. (Vetado).

Art. 69. Deixar de organizar dados fáticos, técnicos e científicos que dão base à publicidade:

Pena Detenção de um a seis meses ou multa.

lado a mídia apresentando informações de forma a alimentar a ideia de insegurança, nutrindo de forma peculiar o medo na população e de outro lado a indústria que se alimenta do medo e da insegurança. Como se não bastasse às políticas criminais, trazidas em programas televisivos enlatados, insistem na falácia do maior rigor punitivo e da tolerância zero como fator essencial para a redução da insegurança:

De qualquer maneira, a diminuição da criminalidade, pela via correta (Investindo-se nas Políticas Sociais), é um processo, gradual e lento. **A repressão pura e simples, a qualquer preço, como querem os arautos da retórica fácil, inoperante e ineficaz** (da qual a história está lotada de exemplos, sendo o mais evidente a Santa Inquisição), **só traz dissabores, sofrimento** (normalmente nas camadas menos favorecidas) **e corrupção, patrocinada pelas camadas mais favorecidas**. Por sorte, não temos condições econômicas para tanto e um discurso nela fundado seria, a toda evidência, mentiroso: a Política de Tolerância Zero, como é primário, pede condições materiais das quais não dispomos⁷¹. (grifamos)

Ocorre que se de um lado se busca uma maior segurança através de empresas privadas de outra se requer um maior recrudescimento do sistema penal, porém estes dois lados da mesma moeda são propalados midiaticamente como elixir para os problemas da insegurança brasileira. Esquecem estes simplistas que o endurecimento do direito penal e a ampliação da chamada segurança privada e do controle global (monitoramento) somente servem para excluir aqueles que não se enquadram no nosso perfil, ampliando o encarceramento e, por conseguinte, a exclusão social definitiva destas pessoas, mas uma exclusão real por tempo determinado e que mais dia, menos dia, retornarão ao mesmo local, que uma vez lhe foi negado, só que agora preparado para não mais ser expulso, mas sim expulsar e humilhar aquele que não lhe reconheceu como ser humano, tornando, agora sim, a violência e o medo em real.

Pedimos vênias neste momento para tratar de um ponto crucial do sistema carcerário, pois é este o lugar reservado para aqueles que nós, incluídos, queremos para os que desejamos excluir, talvez por que não seja o

⁷¹ COUTINHO, Jacinto de Miranda. **A Crise da Segurança Pública no Brasil**. In: Garantias Constitucionais e Processo Penal, p. 181.

nosso perfil desejado, como já manifestado. O sistema carcerário atual, especialmente no Brasil, tem se mostrado em um depósito de lixo humano, local fétido e onde os direitos e garantias do cidadão são relegados a um longínquo plano. Nestes locais, a pedido da famigerada punição desenfreada, vemos o Estado tratando seres humanos como verdadeira subespécie, sem as condições mínimas, e digo mínimas, de dignidade, respeito, higiene, saúde, alimentação, educação, trabalho e possibilidade de reintegração social, até por que, retirar do convívio social para aprender a viver em sociedade nos parece uma contradição intrínseca.

É pública e notória a forma pela qual os presos são tratados, gerando neles uma maior repulsa pela sociedade perfumada, fato este que deveria ser levado em conta quando nossos políticos, também envolto pela nuvem de violência propalada pela mídia, pregam um maior endurecimento das leis penais⁷² e das leis de execução de pena⁷³, uma maior ampliação do prazo de cumprimento de pena⁷⁴ e da redução da menoridade penal⁷⁵.

Se por um lado se deseja uma desaceleração na possibilidade de retorno dos excluídos para o nosso retorno diário, mesmo que estejamos separados pelas grades de nossos prédios e pelos vidros temperados de nossos carros, por outro lado a sociedade dos incluídos na geração wireless está em movimento de aceleração crescente e esta interconexão *full time* amplia a sensação de medo, pois a informação globalizada e acelerada (informações novas com variação de tempo tendendo a zero) reduz a capacidade de absorção e processamento da informação, permitindo uma maior filtragem. Assim esta informação em massa, gerada pelos meios de comunicação, cria e recria um pânico de insegurança midiático em uma já carente de alteridade.

⁷² Há no Congresso Nacional vários projetos de leis para endurecimento do direito penal, basta uma análise para o número de projetos visando o endurecimento da lei para usuários de drogas.

⁷³ Encontramos um projeto de lei que visa alterar o tempo máximo de pena de 30 para 60 anos. PL 310/11

⁷⁴ É discurso recorrente no congresso nacional a necessidade de aprovação dos projetos que visam ampliar o tempo de cumprimento da pena para a possibilidade de progressão. PEC 364/09.

⁷⁵ Os Deputados vêm apresentando, corriqueiramente, projetos de emenda constitucional com o intuito de reduzir a menoridade penal. PEC 20/1999.

Caminhamos, com esta política de exclusão, para uma violência real, para uma ampliação do medo de modo que nos parece que estes últimos 300 anos não serviram para demonstrar que o recrudescimento do direito penal e de suas formas de atuação através da carcerização desenfreada não reduzem a violência, mas pelo contrário ampliam a violência por parte daqueles que retornam ao sistema, uma vez que reproduzem aquilo que a sociedade lhe aplicou quando estavam sob a guarda do Estado. Uma política visando a redução destes danos e de aplicação do direito penal poderia reduzir os efeitos colaterais. Observa-se aqui que não se está a defender um abolicionismo imediato, mas quem sabe progressivo, do direito penal.

Ocorre que temos visto hoje é uma incitação por parte da mídia, alardeando uma sensação de medo irrestrito, seja através de algum acontecimento do outro lado do planeta, que a anos atrás levaria dias para que a notícia chegasse a nosso conhecimento e ainda quando chegava sua força seria mínima, especialmente pelo fato de não termos a mobilidade da imagem, seja através do bombardeio de notícias e cenas que tratem do tema violência.

Mas o que está por detrás desta forma de agir? O que nos parece, pelo menos superficialmente, é a ideia de construção de uma verdade através da opinião “publicada”, de forma a forçar com que a população exija determinadas ações governamentais por acreditar que aquela opinião é um consenso e que na grande maioria das vezes o intuito é de um recrudescimento do sistema penal e da alteração das leis penais – há uma idéia de que as leis penais brasileiras são brandas demais para uma sociedade tão violenta (opinião publicada – vide campanha justiça seja feita⁷⁶), pois elas seriam o fator de uma suposta impunidade.

⁷⁶ O Congresso Nacional está prestes a aprovar uma reforma do atual Código de Processo Penal (CPP) que consegue PIORAR a situação presente! O promotor de justiça Dr. Mauro Fonseca Andrade, representante da Associação do Ministério Público do Rio Grande do Sul no Conselho Nacional de Justiça (CNJ), órgão responsável pela revisão do atual Código de Processo Penal é aliado da Brasil Sem Grades para que o novo CPP, proposto pelo Senado Federal e encaminhado para votação na Câmara de Deputados Federais, **realmente cumpra a sua função que é a de punir os bandidos**. Por isso, ele elaborou um excelente trabalho levantando todos os pontos negativos do novo CPP. (grifamos). <http://www.brasilsemgrades.org.br/ws/>

Verifica-se com este fenômeno uma exploração ideológica de manutenção da população com sentimento de medo, face a insegurança, mantendo-se assim a sociedade sem condições de raciocinar se efetivamente as informações são verdadeiras e se a solução pregada através da mídia é saudável para o corpo social. Esta informação deturpada ou truncada mantém o indivíduo sob o controle das grandes corporações midiáticas, tendo esta poder de manipular as ações e reclames de seus telespectadores. Segundo Jacob Pinheiro Goldberg, no documentário *Mídia e Medo* (2009)⁷⁷, a mídia deveria ser apenas uma manifestação circular dos reflexos acontecidos na sociedade, mas não é isso que podemos verificar diuturnamente. O que vemos é uma manipulação ideológica dos acontecimentos, a fim de construir um consenso bem como, alerta o autor, a forma mais eficaz de manter uma população em situação precária como o ser humano vive hoje, só clicando um clima permanente de tensão. Segundo o autor não é mais necessário tanques na rua, basta emitir notícias do tipo: o beijo passa doença incurável, os pepinos são assassinos, a calota polar vai se desprender e morreremos alagados, algum pedofilo pegará seu filho, etc..

Estas notícias mantêm as pessoas presas em suas casas com medo e, por conseguinte, manipuláveis, pois elas não acessam o real, mas tão somente o virtual. Marcos Rolin⁷⁸ nos apresenta dados de que no Reino Unido 65% (sessenta e cinco por cento) das crônicas policiais são sobre crimes violentos, mas segundo pesquisas nos departamentos policiais somente 6% (seis por cento) de todos os crimes são violentos. Este fator de midiaticização dos crimes fez com que 70% (setenta por cento) das pessoas entrevistadas respondessem que a criminalidade aumentou nos últimos 10 anos, contrariando as pesquisa realizada pelo BCS (*British Crime Survey*) que demonstram uma queda na criminalidade nos últimos 10 anos.⁷⁹

Portanto, você tem dúvida de quem lucra com esta situação?

⁷⁷ <http://www.youtube.com/watch?v=kXEJKN-mNx0>.

⁷⁸ ROLIM, Marcos. A Mídia e o Crime. http://www.rolim.com.br/2006/index.php?option=com_content&task=view&id=361&Itemid=3

⁷⁹ O mesmo tema pode ser encontrado em ERDONMEZ, Erhan. The effect of media on citizens' fear of crime in Turkey. Doctor of Philosophy (Information Science), August 2009, 100 pp., 29 tables, 5 figures, references, 59 titles. http://digital.library.unt.edu/ark:/67531/metadc11045/m1/1/high_res_d/dissertation.pdf

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retornando a introdução desta monografia falar de medo e violência é falar da vida diária das pessoas do final do século XX e início do XXI. Naquele ponto levantamos a dúvida se em um passado distante, mas não tão distante assim, - hoje, o ontem parece distantes, pois na velocidade em que estamos submersos temos uma sensação que somente o instante é próximo -, a percepção e a sensação de medo eram iguais ao que percebemos atualmente, ou se a conectividade midiática cria uma falsa percepção da violência.

Após perpassar por vários pontos essenciais, dentre eles: a) o que é o medo?; b) quais as feições que o medo apresenta?; c) seria o medo uma criação midiática?; d) o mercado cria o medo como forma de ampliar o consumo da segurança?; e) a quem interessa manter a população acuada?, cabe fazer algumas considerações: há segurança nos dias atuais ou a insegurança, nos patamares que é divulgada, é uma realidade? Como podemos controlar esta ideia de insegurança? A privatização da segurança ao invés de garantir uma maior proteção não fragiliza, expondo-nos a mercê de empresas privadas que visam o lucro? A propaganda midiática por um endurecimento penal seria uma solução viável?

Antes de tratar de segurança devemos ter claro que a sua falta é um reflexo das ações que nós próprios criamos e da forma pela qual a sociedade do consumo vê os seus inimigos. Apesar de natural, pelo menos em nossa sociedade consumista, não seria ilógico imaginar que uma grande parcela da população apresenta-se invisível e que somente quando agem de forma violenta é que ganham visibilidade. Isto é um fator preocupante, pois demonstra que nós caminhamos para uma ampliação, real, da violência, não por ser algo natural, mas por ser a ÚNICA forma de reconhecimento do outro como um ser dotado de direitos e garantias.

Neste sentido, cabe a nós, pensadores, estudiosos do tema, professores, políticos, governantes e demais pessoas que têm acesso a informação in natura, apresentar propostas que minimizem a invisibilidade e, por conseguinte, a falta de alteridade, para só assim termos um futuro se não

melhor, pelo menos mais saudável para nossos filhos. Não suportaremos por muito tempo ficarmos enjaulados como verdadeiros animais, não é esta a nossa natureza. Sendo assim, se quisermos reduzir o stress, se quisermos ser uma população menos doente, em todos os sentidos, devemos pensar que do outro lado da cerca também há vida e que aquela vida que ali se encontra vale o mesmo que nossa vida. Portanto, se Peter Singer está correto as pessoas preferem “a harmonia à discórdia, quer entre elas e os outros, quer seja dentro da própria mente. Essa harmonia interior é ameaçada por qualquer discrepância gritante entre seu modo de viver e como você acha que deveria viver”⁸⁰.

BIBLIOGRAFIA

ANDERLE, Adelar. **COPA 2014: Expansão da Segurança Privada**. Disponível em <http://www.firearms.com.br/copa.pdf>. Acesso em: 22/05/2011

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 16 ed. São Paulo: Paulus.

BAUMAN Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. **Vida a crédito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

_____. **Vida para consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BRUCKNER, Pascal. Filhos e vítimas: o tempo da inocência. In: MORIN, Edgar & PRIGOGINE, Ilya. **A Sociedade em Busca de Valores: Para Fugir à Alternativa entre o Cepticismo e o Dogmatismo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

BRUNKHORST, Hauke. Global society as the crisis of democracy. Apud BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CASTRO, Rafael Barreto de, PEDRO, Rosa Maria Leite Ribeiro. Redes de vigilância: a experiência da segurança e da visibilidade articuladas às câmeras de monitoramento urbano. In BRUNO, Fernanda, KANASHIRO, Marta,

⁸⁰ SINGER, Peter. **Quanto custa salvar uma vida? Agindo agora para eliminar a pobreza mundial**, p. 157.

FIRMINO, Rodrigo. **Vigilância e visibilidade: espaço, tecnologia e identificação**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

CHANDLER, Daniel. Disponível em: http://www.aber.ac.uk/media/Modules/TF33120/tv-violence_and_kids.html. Acesso em: 22/05/2011

CHESNAIS, Jean Claude. **A violência no Brasil. Causas e recomendações políticas para a sua prevenção**. Ciênc. saúde coletiva v.4 n.1 Rio de Janeiro 1999. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81231999000100005&lng=pt Acesso em: 22/05/2011

COUTINHO, Jacinto de Miranda. A Crise da Segurança Pública no Brasil. In: BONATO, Gilson. **Garantias Constitucionais e Processo Penal**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2002.

ELIAS, Norbert. **Sociedade dos indivíduos**. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

ERDONMEZ, Erhan. **The effect of media on citizens' fear of crime in Turkey**. Doctor of Philosophy (Information Science), August 2009, 100 pp., 29 tables, 5 figures, references, 59 titles. http://digital.library.unt.edu/ark:/67531/metadc11045/m1/1/high_res_d/dissertation.pdf

FIRMINO, Rodrigo. Vigilância e visibilidade: espaço, tecnologia e identificação. In BRUNO, Fernanda, KANASHIRO, Marta, FIRMINO, Rodrigo. **Vigilância e visibilidade: espaço, tecnologia e identificação**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

GARCIA, Maria Tereza. **Violência e medo, elementos extintos no newsmaking do jornalismo público**. Cronos, Natal-RN, v. 7, n. 2, jul./dez. 2006.

GERBNER, George, GROSS, Larry, MORGAN, Michael, SIGNORIELLI, Nancy. **The "Mainstreaming" of America: Violence. Profile No. 11 Issue Journal of Communication Volume 30, Issue 3, pages 10–29, September 1980**. Disponível em <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1460-2466.1980.tb01987.x/abstract?systemMessage=Wiley+Online+Library+will+be+disrupted+4+June+from+10-12+BST+for+monthly+maintenance>

GRAHAM, Stephen. **Postmortem city: towards and urban geopolitics**. City, vol 8, nº2, jul 2004, pp. 165-196. Apud BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

INMETRO e IDEC. TELEVISÃO E PUBLICIDADE. Publicidade e Consumo. Coleção Educação para o consumo Responsável. INMETRO E IDEC. 2002. pp. 16-17. Disponível em <http://www.inmetro.gov.br/infotec/publicacoes/cartilhas/CoEducativa/publicidade.pdf> Acesso em: 22/05/2011

KERCKHOVE, Derrick De. **A Pele da Cultura: uma investigação sobre a nova realidade eletrônica**. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.

_____. **Connected Intelligence – The Arrival of the Web Society**. UK: Kogan Page, 1998

LEMOS, André. Mídias locativas e vigilância. Sujeito inseguro, bolhas digitais, paredes virtuais e territórios informacionais. In: BRUNO, Fernanda, KANASHIRO, Marta, FIRMINO, Rodrigo. **Vigilância e visibilidade: espaço, tecnologia e identificação**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade da decepção**. Barueri: Manole, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

PINTOR, Angela. **Imaginário e violência: vigilância, visibilidade e tecnologia como vetores da existência humana no contexto contemporâneo**. Revista Galáxia, São Paulo, n. 20, p. 238, dez. 2010.

PRIGOGINE, Ilya. **Carta para as futuras gerações**. Disponível em <http://www.teoriadacomplexidade.com.br/textos/teoriadacomplexidade/CartaParaAsFuturasGeracoes.pdf> . Acesso em 22/05/2011.

_____. **Ilya Prigogine: feiticeiro do tempo**, Entrevista dada a Robert B. Tucker. Disponível em <http://www.omnimag.com/archives/interviews/prigogin.html> Acesso em: 22/05/2011

ROLIM, Marcos. **A Mídia e o Crime**. Disponível em http://www.rolim.com.br/2006/index.php?option=com_content&task=view&id=361&Itemid=3. Acesso em 24/05/2011.

ROUX, Caroline. To Die For. Disponível em Guardian Weekend. 01/02/2003.

SINGER, Peter. **Quanto custa salvar uma vida?: agindo agora para eliminar a pobreza mundial** .Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

VARELLA, Drauzio. **Violência na TV e comportamento agressivo**. Disponível em <http://www.drauziovarella.com.br/ExibirConteudo/605/violencia-na-tv-e-comportamento-agressivo>. Acesso em: 22/05/2011

VAZ, Paulo. A mídia, a rotina e a vítima virtual. In BRUNO, Fernanda, KANASHIRO, Marta, FIRMINO, Rodrigo. **Vigilância e visibilidade: espaço, tecnologia e identificação**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

VIRILIO, Paul. **A Inércia Polar**. Dom Quixote: Lisboa, 1993.

WOOD, David Murakami e FIRMINO, Rodrigo José. Inclusão ou repressão? Questões de identificação e exclusão no Brasil. In: BRUNO, Fernanda, KANASHIRO, Marta, FIRMINO, Rodrigo. **Vigilância e visibilidade: espaço, tecnologia e identificação**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

WUNDERLICH, Alexandre. Sociedade de Consumo e Globalização: abordando a teoria garantista na barbárie. (Re)afirmação dos Direitos Humanos. In:

CARVALHO, Salo de & WUNDERLICH, Alexandre (org). **Diálogos Sobre a Justiça Dialogal: Teses e Antíteses sobre os Processos de Informalização e Privatização da Justiça Penal**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2002.

Sites

http://economico.sapo.pt/noticias/espanha-pede-indemnizacao-por-danos-causados-pela-crise-do-pepino_119711.html. Acesso em 24/05/2011.

<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2011/05/29/bacteria-dos-pepinos-assassinos-chega-inglaterra-383181.asp>. Acesso em 25/05/2011.

<http://opinio.mai.gov.info/2009/03/14/seguranca-privada-um-sector-em-crescimento/>. Acesso em 12/05/2011.

<http://segurancaprivadodobrasil.wordpress.com/category/noticias/page/2/>. Acesso em 19/05/2011.

http://www.arinc.com/downloads/product_collateral/cloud_computing_101.pdf. Acesso em 24/05/2011

<http://www.brasilsemgrades.org.br/ws/>. Acesso em 28/05/2011.

<http://www.revistasegurancaecia.com.br/index.asp?pg=revista.asp>, 2007. Acesso em 24/05/2011.

<http://www.seguranca.org/seguranca/seg-seguranca>. Acesso em 19/05/2011.

<http://www.youtube.com/watch?v=kXEJkN-mNx0>. Acesso em 22/05/2011.